

Vincenzo Di Matteo \*\*

Gostaria  
que houvesse alguém que ouvisse minha confissão.  
Não um padre. Não quero que me digam meus pecados.  
Não minha mãe. Não quero causar tristeza.  
Não uma amiga. Não entenderia bastante.  
Não um amante. Seria parcial demais.  
Não Deus. Ele é tão distante.  
Mas alguém que fosse ao mesmo tempo  
o amigo, o amante, a mãe, o padre, Deus e ainda um estranho.  
Não julgaria, nem interferiria  
e, quando tudo tivesse sido dito desde o início até o fim,  
mostraria a razão das coisas, daria força para continuar  
e para resolver tudo à minha própria maneira.

Esse pequeno poema de 1916, atribuído a uma adolescente americana de 15 anos, é a demanda de uma figura, cujas características apontam para o do analista. O pequeno texto mostra não apenas que o *espírito do tempo* estava de alguma maneira aberto para acolher a psicanálise, mas insinua, também, que o tema da alteridade, do 'outro', do 'estranho', paradoxalmente distante e próximo, é próprio da prática

---

\* Palestra proferida no I ENCONTRO INTERINSTITUCIONAL DE FILOSOFIA – UFPB/UFPE - De 03 a 07 de fevereiro de 2003 - Tema Geral: Os desafios da filosofia, hoje. Mesa Redonda: Alteridade, Filosofia e Psicanálise (07.02.03)

\*\* Vincenzo Di Matteo é professor do departamento de Filosofia da UFPE.

clínica psicanalítica. Justifica-se, portanto, nem que seja por esse aspecto, a possibilidade de um diálogo produtivo com os discursos filosóficos sobre alteridade.

Desdobrarei minha apresentação, visando três objetivos: 1º - problematizar a existência de um discurso psicanalítico sobre alteridade; 2º - assinalar alguns dos sentidos, articulando-os em torno dos conceitos de inconsciente, pulsão e transferência; 3º concluir com algumas interrogações quanto às contribuições que a psicanálise pode oferecer à filosofia para pensar a problemática da alteridade.

A tese que vou tentar defender é que a rica constelação semântica que a psicanálise foi construindo, até agora, em torno dos dois centros que formam a elipse teórica subjetividade-alteridade pode ainda nos auxiliar para responder intelectual e existencialmente aos problemas da identidade e da diferença presentes no horizonte cultural de nossa contemporaneidade.

Para evitar expectativas indevidas, não pretendo registrar os múltiplos discursos sobre o outro em psicanálise nascidos de paradigmas clínicos diferentes. Permanecerei na estrada mestra aberta pelo fundador para não me perder em trilhas pouco familiares. Afinal é dela que todos partiram: os dissidentes que se tornaram adversários, os discípulos que se tornaram dissidentes, os psicanalistas que se tornaram criadores.

## I. Freud e a questão da alteridade

### 1. O credo monista

Há um discurso de Freud que parece comprometer totalmente a tese que pretendo demonstrar. Por certos aspectos é até possível, sofisticadamente, sustentar a tese oposta. Não há em Freud, nem pode haver, um discurso sobre alteridade simplesmente porque a filosofia implícita que perpassa sua teoria é o monismo do positivismo do séc. XIX.

O credo monista, em sintonia com o espírito da modernidade que procedeu ao desencantamento do mundo e à proclamação da morte de Deus, desacredita da Alteridade religiosa e também da alteridade imanente do homem. Proclama a unidade fundamental da Natureza na medida em que não haveria um limite exato ou distinção absoluta entre mundo inorgânico, vegetal, animal e humano. Portanto, não tem sentido em falar em ciências da natureza e em ciências humanas, porque a explicação última da realidade é de natureza físico-química.

A *Weltanschauung* científica, que anima também a psicanálise, “supõe a *uniformidade* da explicação do universo”, mesmo que a título de projeto, cuja realização se encontra no futuro.<sup>1</sup> Enquanto, porém, esse projeto não se realiza e na tentativa de dar alguma contribuição nesse sentido, Freud - que se autopercebe mais como um ‘conquistador’, um ‘aventureiro’ do que ‘um homem de ciência’ - tenta desvendar o mundo da mente com hipóteses ousadas.<sup>2</sup>

## 2. A problemática freudiana.

Formado na escola da Sociedade Física de Berlim e, especificamente, na de seus mestres no laboratório de fisiologia da Universidade de Viena (Brück e S. Exner), na tradição positivista da psicologia alemã (Herbart, Fechner), Freud se defronta com os problemas levantados pela histeria e a neurose obsessiva que pareciam

<sup>1</sup> FREUD S. A questão de uma *Weltanschauung*. In: *Novas Conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 194 (V. XXII da Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

<sup>2</sup> Cf. Carta de Freud a Fliess de 1º de fevereiro de 1900. In: MASSON, J.M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p.399

questionar as explicações organicista e de hereditariedade que dominavam a psiquiatria alemã do fim do séc. XIX.

Defender a tese da existência de uma problemática sexual na origem dessas neuroses, exigia um corte epistemológico e metodológico de tratamento. Tratava-se de 'suprassumir' - utilizando uma linguagem hegeliana - a organogênese da etiologia patológica numa psicogênese.<sup>3</sup> Essa 'suprassunção', porém, não implicava renunciar a uma certa concepção materialista da mente. Freud quer ser um psicólogo, mas como dirá alguns anos mais tarde a Fliess, não estava 'minimamente disposto a deixar o psicológico solto no ar, sem a base orgânica'.<sup>4</sup>

É por isso que, ao pensar a psicanálise numa perspectiva histórico-cultural, a conecta com Copérnico, Darwin e o positivismo científico em geral, não com a jovem psicologia que estava nascendo e menos ainda com a filosofia tradicional. Não apenas por não ser filósofo, mas porque conscientemente quer manter sua descoberta no campo das ciências da natureza. É nessa tradição que situa a chamada revolução psicanalítica.

### 3. A revolução psicanalítica.

O próprio Freud a descreve num texto famoso de 1917, *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise* ao nos falar dos três golpes desferidos ao narcisismo humano: o golpe cosmológico, biológico e

<sup>3</sup> Apesar de Freud ter defendido a existência de fatores psicológicos na origem de determinadas doenças, não ignora, nem desvaloriza os fatores constitucionais. "Recusamo-nos a postular qualquer contraste, em princípio, entre os dois conjuntos de fatores etiológicos; pelo contrário, presumimos que os dois atuam regularmente em conjunto para ocasionar o resultado observado. Daimwn kai Tuch [Talentos e Sorte] determinam o destino de um homem - raramente ou nunca só um destes poderes". FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: Vol. XII da ESB, p.133.

<sup>4</sup> Cf. GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.126

psicológico.<sup>5</sup>

A idéia fundamental que perpassa as três revoluções é a de um *descentramento* do sujeito que aponta para uma alteridade que fere o narcisismo da consciência. O *novo* descentramento não é propriamente de natureza diferente daqueles que retiraram o homem do centro do cosmos e da vida, apenas explicitam o que os outros dois já anunciavam. A psicanálise só retira a última ancoragem da pretensão humana de sua superioridade ao lembrar-lhe que o eu não é autônomo, não é o centro nem mesmo do microcosmo psíquico. Contra o discurso religioso que sempre viu o homem como um ser de exceção, Freud denuncia essa autocompreensão narcísica e a submete à crítica da razão científica. Os céus não cantam e narram mais a glória de Deus, nem a consciência, a do homem. Estamos sós e desamparados, submetidos a leis científicas que regem o universo, presidem o mundo da vida, regulam o funcionamento do psiquismo humano.

Afirmar que o ego não é senhor em sua própria casa decorre de duas descobertas da psicanálise que se remetem reciprocamente: a de que a sexualidade ou a vida de nossas pulsões não é inteiramente domável e a de que os processos mentais são, em si, fundamentalmente inconscientes.

Para dizer essas novidades, Freud não recorre à linguagem filosófica, mas a quatro modelos: o mecanicista-fisicalista, o biológico, o filogenético, o da linguagem. Apesar de falar de um aparelho de linguagem, cuja problemática será explorada especialmente pela psicanálise francesa ligada à figura de Lacan, é mais na articulação dos três primeiros modelos que se movimentam o pensamento freudiano. É através deles que tenta descrever a estrutura e funcionamento de um

<sup>5</sup> Cf. FREUD, S. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. Vol. XVII da Ed. Standard Brasileira, p.178.

*aparinho* psíquico ou da alma habitado por uma alteridade básica que afetará a alteridade intersubjetiva e a alteridade da cultura em geral. Em outras palavras, a questão da alteridade, isso é, da relação do homem com o 'outro' corporal, o mundo intersubjetivo, o dos objetos da Natureza, o dos produtos culturais e da cultura em si mesma, é perpassada por uma determinação inconsciente.

Entre os vários sentidos 'sobredeterminados', destaco alguns que reputo essenciais.

## II. A polissemia da alteridade

### 1. O Inconsciente: o outro sem rosto

Antes de tudo, o 'outro' da psicanálise tem o nome de Inconsciente, uma realidade psíquica, que uma abordagem metapsicológica deve descrever do ponto de vista dinâmico, topográfico e econômico.<sup>6</sup> É por isso que Freud pode reivindicar uma diferença qualitativa entre o inconsciente concebido antes dele pela filosofia, a mística, a literatura e o psicanalítico propriamente dito. Esse último não é algo acima (supraconsciência), abaixo (subconsciente), à margem (não consciente) ou inacessível, misterioso e inefável (o inconsciente dos românticos), mas uma instância à qual a consciência não tem acesso direto e imediato, um sistema autônomo regido por princípios e processos próprios e que, todavia, possui uma certa inteligibilidade pelo caminho indireto da decifração da semântica do desejo que fala a linguagem do sonho, dos lapsos, dos jogos de palavra, dos sintomas.

A descrição mais acabada, daquela que se tornará conhecida como primeira tópica, se encontra no famoso artigo metapsicológico de 1915. Todo o esforço de Freud é nos apresentar a tópica partida, dividida, separada em dois (Ics. x Pcs-Cs) ou três sistemas (Ics. Pcs. Cs.), separação ratificada e aprofundada por uma econômica que revela os diferentes princípios e processos que regem os sistemas: princípio

do prazer e processo primário, o sistema Inconsciente (Ics); princípio de realidade e processo secundário, o Pré-consciente – Consciente (Pcs-Cs). Divisão, porém, que não é absoluta. As relações intersistêmicas não são apenas de confronto e oposição (recalque), mas também de cooperação.

Essa poderosa sistematização do Inconsciente não resistirá por muito tempo. Freud já tinha percebido que o Inconsciente não se esgota no recalque e que o ego é também em parte inconsciente. A reformulação acontecerá oito anos mais tarde, em *O Ego e o Id*, quando terá oportunidade de integrar outros dados psicanalíticos que amadureceram nesses anos.

### 2. O outro com o rosto do próprio Eu

A estrutura do Ego não é sólida e compacta, menos ainda transparente. O Ego é a resultante de uma série de identificações que se articulam em torno do que Freud chama às vezes de 'grandes instituições' do Ego, uma espécie de governo com seus vários ministérios: do exterior, encarregado da prova da realidade; do interior, com sua subdivisão em ministério da censura, da ordem, da polícia, da consciência moral etc... Um governo não necessariamente coerente, mas conflitivo dentro dele mesmo e, além disso, acossado por instâncias poderosas que o tornam refém de suas tirânicas exigências.

É verdade que o Eu (ego) da segunda tópica, além das funções antigas que conserva (percepção, controle da motilidade e defesa) adquire a importante função política do poder, isso é, a de articular exigências contrárias e até contraditórias provenientes dos três 'tirânicos senhores': o mundo externo, o Id, o Superego. Todavia o que chama atenção nessa descrição de Freud é que boa parte dele - "e sabem os Céus que parte tão importante"<sup>7</sup> - é de natureza inconsciente, se comporta como o recalque, isso é, produz efeitos poderosos

<sup>6</sup> FREUD, S. O Inconsciente. In: *História do Movimento Psicanalítico: Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos*. Vol. XIV da ESB. p.208.

<sup>7</sup> FREUD, S. *O ego e o Id*. O.c., p.30.

inconscientes (resistências) e que precisam de um trabalho especial para que se tornem conscientes.

## 2. O *outro* com o rosto dos pais

Além disso, Freud descobre no Ego aquelas funções psíquicas ligadas às aspirações ideais, às exigências e proibições morais que chamou inicialmente de 'ideal do ego' e, posteriormente, de superego.

Na origem dessa 'instância', se encontram dois fatores: um de natureza biológica, o desamparo da criança e a longa dependência da infância; outro, de natureza histórica, o destino do complexo de Édipo.

O superego, de fato, é a resultante de inúmeras identificações sedimentadas, esquecidas, em grande parte reprimidas, onde se destacam as figuras parentais e ancestrais. É o outro internalizado que me interpela, me incentiva, me observa, me julga, me premia e me castiga.

Essa alteridade normativa ainda não é a mais radical. Freud foi tomar de empréstimo a Nietzsche, mesmo que pela mediação de Groddeck, a palavra para dizer sua descoberta da existência em nós de uma 'outra coisa', de algo radicalmente outro que funciona à nossa revelia e que nos determina numa série de condutas (sonhos, atos falhos, sintomas...). Será precisamente essa 'outra coisa' que reaparece na segunda tópica com o nome de 'Id'

## 4. O *outro* sem nome (Isso)

O *Isso* (*Id*) não é apenas um sinônimo do inconsciente, mesmo que existam muitos pontos em comum. Uma distinção simples e significativa entre inconsciente e *Id* é apresentada por Pontalis quando afirma: "O inconsciente se escreve em letras minúsculas. Seja, mas *ISSO* se escreve em letras maiúsculas".<sup>8</sup> Qual o estatuto desse *ISSO*, desse

núcleo de nosso ser, desse lugar, dessa tópica que no fundo é *a-tópica*? É mais caos, caldeirão, força, poder, algo de informe, que só pode ser dito de uma maneira negativa. É inominável, não figurável.

O termo nos reenvia mais ainda ao pulsional que se agita em nós e, através do pulsional, ao biológico que o sustenta. Reafirma a existência de processos primários que em nós vivem. Radicaliza a idéia que há algo de impessoal e anônimo, um anti-sujeito, que nos move, o que implica o descentramento do sujeito consciente e autônomo para o lugar das pulsões loquazes (*Eros*) ou mudas (*Thanatos*) que reclamam sua satisfação.

De uma maneira paradoxal, portanto, na medida em que uma nova teoria do ego parecia apontar para uma certa 'autonomia' do indivíduo empírico ("onde estava *id*, ali estará o *ego*)<sup>9</sup>, a noção de *Id* nos reenvia para a heteronomia e a impessoalidade que nos determina. Resta agora, focalizar como esse *outro sem nome* afeta o que habitualmente entendemos por alteridade: a presença de um outro pessoal na relação intersubjetiva

## 3. O *outro* com rosto

Foi a psicanálise que nos revelou um fenômeno inicialmente detectado na relação terapêutica, mas que atinge a todos nas nossas relações cotidianas: a transferência. A intersubjetividade psicanalítica, perpassada pela transferência, não é a mesma descrita abundantemente pela Fenomenologia.

O reconhecimento efetivo da alteridade, de fato, implica necessariamente o reconhecimento dos seus dois atributos, a diferença e a singularidade, o que habitualmente não se dá quando o outro é apenas um espelho para narcisicamente se olhar, uma tela onde projetar o filme de nossos fantasmas inconscientes, um objeto para ser capturado nas malhas projetivas de nossos desejos inconscientes, uma encenação, enfim, da realidade do nosso inconsciente. Os desencontros amorosos, porém, estão aí para evidenciar essa alteridade que resiste

<sup>9</sup> FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica. In: *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Vol. XXII, da ESB, p.1020.c., p.

<sup>8</sup> PONTALIS, J.-B. *ISSO* em letras maiúsculas. *Percursos*, XII, n.23, p.12

e da qual não podemos prescindir, porque mais do que outro enquanto objeto de desejo, é o desejo do outro que esmolamos no decorrer de nossa existência.

Além dessa alteridade com um rosto humano, há uma outra de que nos fala a psicanálise e que tem o nome de cultura: o grande Outro.

### 6. O grande *Outro* enquanto cultura (superego cultural)

Podemos distinguir, na teoria freudiana da cultura, dois discursos. O primeiro se manifesta especialmente no longo ensaio de 1908: *A moral sexual 'civilizada' e a doença nervosa dos tempos modernos*.<sup>10</sup> Duas são as teses ali defendidas: os tempos modernos, com suas exigências de uma moral sexual civilizada, são os responsáveis pelo mal-estar (doenças nervosas); esse mal-estar é superável, é possível uma harmonização do registro da subjetividade com o da alteridade, desde que determinados corretivos, da ordem da ciência e da razão, sejam aplicados à cultura dos tempos modernos.

Esse Freud apolíneo e iluminista mudará seu discurso graças à experiência trágica da primeira guerra mundial e da introdução da pulsão de morte na reformulação da teoria das pulsões (1920).<sup>11</sup>

Em *O mal-estar na civilização*, de fato, os impasses da subjetividade e da alteridade se tornam intransponíveis. Mesmo que Eros consiga canalizar a 'cega fúria da destrutividade' para uma satisfação que se realize no domínio da natureza, pouco poderá fazer para neutralizar os efeitos devastadores nas relações intersubjetivas.

Atingidas em cheio pela pulsão de morte, serão marcadas pela exploração do outro devido à "inata inclinação humana para a ruindade, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade".<sup>12</sup> Diante disso, à cultura não resta que reorientar a agressividade contra o próprio

<sup>10</sup> FREUD, S. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In: *'Gradiva' de Jensen e outros trabalhos*. Vol. IX da ESB.

<sup>11</sup> Cf. FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In: *Além do Princípio do Prazer: Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Vol. XVIII da ESB

<sup>12</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *O Futuro de uma Ilusão: O Mal-estar na Civilização e outros trabalhos*. Vol. XXI da ESB. p.67

indivíduo. "Minha intenção – escreve Freud no último capítulo – [era] de representar o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, e de demonstrar que o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda da felicidade pela intensificação do sentimento de culpa".<sup>13</sup>

Ao término desse périplo pelo mundo da alteridade, mesmo que apenas na perspectiva psicanalítica freudiana, resta uma pergunta incômoda para responder: essa constelação semântica da alteridade (o *outro* da ordem do Inconsciente, da pulsão, da transferência e da cultura) descoberta pela psicanálise ainda pode nortear nossa reflexão sobre a questão da identidade e diferença?

### III. AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA PENSARMOS A ALTERIDADE

Precisa reconhecer que a moda psicanalítica, enquanto moda, talvez já tenha passado. Foi dito que o século XX é o século da psicanálise. A frase revela, sem dúvida, o reconhecimento do impacto que as idéias de Freud tiveram sobre nossa cultura. Parecem insinuar, também, um certo declínio da psicanálise diante de avanços consideráveis da psicofarmacologia, das neurociências, das pesquisas relativas ao genoma humano. *O espírito do tempo* também mudou. A subjetividade e alteridade são vivenciadas numa chamada cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo,<sup>14</sup> que está mais sintonizada com o homem comportamental que regula seu desempenho e seus distúrbios por psicotrópicos do que com o homem trágico da psicanálise enredado em seus conflitos intransponíveis que se agitam dentro dele, se prolongam nas relações interpessoais, se perpetuam indefinidamente no confronto com a cultura.

Acredito, porém, que os três grandes universais da subjetividade

<sup>13</sup> Idem, p.185

<sup>14</sup> LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983  
DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

humana apontados pela psicanálise - o inconsciente, a sexualidade e a transferência – continuam indispensáveis para se pensar a alteridade.

Eles apontam para várias dificuldades e uma esperança:

### 1. As dificuldades

- A dificuldade de se tornar sujeito, visto que estamos descentrados de nós mesmos e assujeitados ao *outro* na sua dimensão pulsional, intersubjetiva e cultural.
- A dificuldade de amar e ser amado de uma maneira saudável e não neurótica visto que temos atrás de nós uma infância prolongada, uma pré-história que nos puxa para trás e leva-nos para comportamentos afetivos estereotipados e repetitivos.
- A dificuldade de nos responsabilizar pelo outro devido ao caráter errante do desejo.
- A dificuldade de sermos felizes com o outro e na cultura pela pulsão agressiva que nos habita.

### 2. A esperança como aposta

Enfim, a esperança de que, ao renunciar ao centralismo do eu, sejamos capazes, graças a Eros, de recuperar e conviver com o *outro* em sua diferença.

Nessa luta de gigantes entre Eros e Thanatos, escreve Freud no final de *O mal-estar* resta “esperar que o outro dos dois ‘Poderes Celestes’, o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?”<sup>15</sup>

Naturalmente a esperança de Freud não é a virtude teologal dos cristãos. A esperança que os homens consigam construir uma história pessoal, interpessoal e comunitária que seja sensata, não contra a vida, mas com ela, não contra as diferenças, mas extraindo delas potencialidades ainda desconhecidas, é uma aposta, a qual, para ter alguma chance de vitória, precisa tanto de liberdade criadora, quanto de responsabilidade cada vez mais vigilante e compartilhada social e politicamente.

<sup>15</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. O.c., p.170-171.